

# Plenário rejeita reforma agrária do 'Centrão'

BRASÍLIA — A Constituinte optou pelo caminho da negociação na questão da reforma agrária, rejeitando em primeira votação o texto do *Centrão*, apoiado pela UDR e outras entidades de proprietários de terra, além do PFL, PDS, PTB, PL e PDS. Votaram 537 constituintes — um dos quóruns mais altos registrados até agora —, dos quais 248 aprovaram o texto do grupo, 242 rejeitaram-no e 37 se abstiveram.

Pelo regimento, o projeto do *Centrão* será submetido a uma segunda votação hoje, mas é praticamente certo que, mais uma vez, ele não alcançará os 280 votos necessários para sua aprovação. O PMDB e os partidos de esquerda assumiram compromisso no plenário de rejeitar, em seguida, o projeto da Sistematização, de modo a forçar um acordo capaz de receber os votos da ampla maioria da Constituinte.

Defenderam o projeto do grupo o deputado Luís Roberto Ponte (PMDB-RS) e o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA). Ponte acusou o PMDB e a esquerda pela ruptura das negociações, ao insistirem na possibilidade de desapropriação de terras produtivas. "Por que essa guerra santa contra quem está produzindo?", perguntou o deputado gaúcho.

**Função social** — Passarinho, muito aplaudido ao subir à tribuna, disse que não concordava com todo o texto do *Centrão*, especialmente com a falta de exigência do cumprimento simultâneo dos quatro critérios que definem a função social da propriedade (aproveitamento racional, respeito à natureza, obediência à legislação trabalhista e promoção do bem-estar de proprietários e trabalhadores).

Os dois oradores que pediram a rejeição da emenda — os senadores José Richa (PR) e Mário Covas (SP) — bateram na mesma tecla: a necessidade de derrotar o projeto do *Centrão* para forçar o entendimento. Richa acusou as entidades de proprietários rurais de terem emperrado as negociações, ressaltando que, se ela dependesse apenas dos políticos, teria sido concluída satisfatoriamente. Ele disse que "sem um amplo consenso na votação da matéria será impossível levar a paz e a concórdia ao campo".

O argumento do líder do PMDB que mais sensibilizou o plenário o da necessidade do acordo. "Vamos votar contra o texto do *Centrão* para depois votarmos contra o projeto da Sistematização e nos unirmos em torno das propostas de acordo que foram negociadas exaustivamente", disse, balançando na mão um papel com uma sugestão do deputado José Lins (PFL-CE), do *Centrão*, aceita de tarde pelo PMDB e a esquerda, mas recusada pela UDR.



Covas sensibilizou o plenário defendendo a necessidade de acordo

## Caiado conclama à resistência

"Não vamos bater em retirada", gritou o presidente da UDR, Ronaldo Caiado, a centenas de fazendeiros, minutos depois de encerrada a votação, conclamando os seus liderados e os integrantes de outras entidades ruralistas a permanecerem em Brasília até a Constituinte votar a Reforma Agrária. Irritado com o resultado da votação e, principalmente com os dois oradores que encaminharam contra a proposta do *Centrão*, senadores José Richa (PMDB-PR) e Mário Covas (PMDB-SP), Caiado disse que a UDR "não permitirá a negociação do princípio de que a propriedade produtiva é intocável".

Segundo ele, se os negociadores cederem nesse ponto, "o farão sem o respaldo das entidades ruralistas e serão responsabilizados depois pela situação da agricultura". Caiado e o presidente da Sociedade Rural Brasileira, Flávio Telles de Menezes, decidiram que o trabalho hoje é convencer os 37 constituintes que se abstiveram a votar com o *Centrão*. Essa orientação, o presidente da UDR transmitiu a todos os produtores que à tarde ocuparam as galerias: "Comecem a trabalhar agora. Peguem a lista de

votação e procurem os que votaram contra e os que se abstiveram".

**Nas galerias** — Caiado fora dormir às 3 da madrugada e às 11h já estava no gabinete do senador Mário Covas. Acompanhou de perto as negociações e quase sempre conseguiu influir. Foi ele quem convenceu o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA) a encaminhar favoravelmente à proposta do *Centrão* em plenário.

Às 18h30min, Caiado — que, duas horas antes de encerrada a negociação, já dizia aos militantes da UDR que não haveria acordo — foi para as galerias acompanhar a votação. Ficou todo o tempo ao lado de Flávio Telles, praticamente sem esboçar reação. Só se manifestou em três ocasiões: para aplaudir Passarinho, para chamar Mário Covas de "farsante e mentiroso", e classificar José Richa de "obturado", no que imaginou ser um trocadilho com a profissão de dentista do senador.

Terminada a votação, a sessão já suspensa, os fazendeiros, comportados até então, deixaram as galerias aos gritos de "comunistas vagabundos".

## Sarney Filho não é mais vice-líder

BRASÍLIA — O filho do presidente José Sarney, deputado federal Sarney Filho (PFL-MA), perdeu a função de vice-líder porque votou contra a orientação da liderança do partido na questão agrária. O ato de destituição foi assinado pelo líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço. "Ele não é mais vice-líder porque não vota de acordo com a orientação do partido", decidiu Lourenço, minutos antes de telefonar para o presidente José Sarney.

A irritação na liderança do PFL foi grande por causa do voto de Sarney Filho e de seu primo, deputado Albérico Filho (MA). O deputado Orlando Bezerra (PFL-CE) disse: "Eu vim a Brasília com dificuldades e vejo que os traidores estão na família do presidente. Isto pode ter troco porque muita gente vai votar nos quatro anos." O deputado Paes Landim (PFL-PI) advertiu: "Isto vai prejudicar e muito o governo".

Pela segunda vez, Sarney Filho fica contra o PFL e o *Centrão*. Na questão da nacionalização dos minérios, ele votou com o PMDB e também foi acompanhado pelo primo Albérico Filho.

Às 21 h de ontem, o deputado José Lourenço telefonou ao presidente José Sarney, que estava no Palácio da Alvorada, para informar que destituiria Sarney Filho da vice-liderança. O presidente aprovou: "Você está agindo corretamente". Para Lourenço, o filho do presidente optou pelo apoio ao líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, que faz oposição ao governo.